

## Apresentação

O quarto número da *Revista de Comunicação Dialógica* (RCD) está no ar para combater o vírus do medo, aliado de toda sorte de violência e dificuldade de dialogar. Estamos no ar associados a Zizek, que nos mostra que este cenário de caos e indefinições não pode paralisar a nossa potência de vida. Pelo contrário, neste momento, temos que elevar essa potência ao máximo para combater os males que nos assolam. Isso não quer dizer negar os perigos, se descuidar, descuidar do outro; mas, sim, agir com tenacidade dentro das possibilidades que cada um tem e descobre para criar novas formas de vida e associação.

Na nossa ainda curta trajetória, ficou claro que o segundo semestre é mais difícil para publicações, pois parece que as tarefas e problemas se acumulam para os autores, que demonstram mais dificuldades para produzir. Por isso, neste número trazemos poucos artigos, porém muito potentes e diversificados. O primeiro deles, sobre rádios comunitárias, esperamos que inaugure uma série sobre esse tema.

A produção acadêmica sobre rádios comunitárias não é proporcional à relevância que essas ocupam dentro da comunicação comunitária e da comunicação como um todo. É sabido que este veículo segue sendo o de principal alcance e, argumentam alguns, o de maior potencial dialógico, dada a proximidade que consegue estabelecer entre os interlocutores que dele participam. As pesquisadoras Sandra de Souza e Natália Mendonça evidenciam esse potencial em um artigo que analisa a atuação de duas rádios comunitárias na Baixada Fluminense. Tomando como base teórica o modelo proposto por Patrick Charaudeau, as autoras mostram como as rádios exercem um papel fundamental em suas respectivas localidades, não somente para o repasse de informações como também para a articulação entre os moradores e a resolução dos seus problemas.

Papel fundamental no nosso cotidiano hoje também exercem as redes sociais. Por isso, Marcelo De Franceschi dos Santos investiga o poder de uma rede social na transformação de uma vida. No artigo “Humanização do discurso em fotografias de entrevista: análise crítica de publicações do *SP invisível*”, o autor parte de três postagens no Facebook para analisar se a rede social tem impacto na humanização de pessoas em situação de vulnerabilidade social, que costumam ser invisíveis à sociedade. A fim de verificar se as postagens provocaram mudanças no modo como os indivíduos tanto são enxergados quanto se enxergam, ele combina o método de análise da Gramática do

Design Visual (GDV) e o conceito de humanização proposto por Paulo Freire. As articulações entre foto e legenda, entre entrevistado e entrevistador, levam o leitor a entender a dinâmica necessária para que se criem pautas que rompam a superfície e aprofundem o debate sobre políticas públicas que atendam a pessoas em situação de rua, numa permanente humanização.

No artigo “Por uma análise dialógica do gênero anúncio publicitário”, Fernanda Lima e Warley Miranda nos convidam a refletir sobre a importância da interpretação de anúncios publicitários envolvendo o lugar da mulher na sociedade. O texto sinaliza como determinadas relações de poder foram historicamente construídas e são refletidas em discursos, enunciados e vozes ecoantes que perpassam épocas e gerações. Fundamentado nos estudos sobre gêneros discursivos de Mikhail Bakhtin, os autores realizam uma análise intrínseca das relações dialógicas de um anúncio publicitário e o impacto de discursos capazes de silenciar e reduzir os espaços da mulher nas esferas social e política. Os efeitos do reducionismo na condição social feminina movem sujeitos e interações em nosso cotidiano e, por isso, este artigo nos direciona a repensar diálogos – tanto na vida social quanto em conteúdos midiáticos e publicitários – e incentiva o aprofundamento de tais discussões em sala de aula gerando novas possibilidades de pensamento e, principalmente, a reformulação de consciência individual e coletiva.

Com o desenvolvimento cada vez mais acelerado das tecnologias de informação, a emergência de plataformas de comunicação em rede e a facilidade de acesso à internet e a dispositivos móveis, novos dilemas sociais têm emergido no cenário atual. Em “O lugar da cidadania no capitalismo comunicativo”, Paola Sartoretto chama a atenção para o fato de que embora o surgimento e a difusão de novas tecnologias de informação e comunicação tenham trazido inicialmente um otimismo quanto à participação política nos meios de comunicação, nos últimos anos nota-se que o capitalismo comunicativo tem proporcionado limitações à ação cidadã e democrática em debates públicos. A autora, então, discute as limitações impostas pela comunicação commodificada e propõe o conceito de cidadania comunicativa para identificar as dinâmicas e estruturas dessas limitações e entender como a cidadania pode ser plenamente construída e exercida no contexto em que a lógica do mercado capitalista domina a comunicação em mídias digitais.

O artigo último artigo deste número, “Settler Fragility: Four Paradoxes of Decolonizing Research”, escrito pelas pesquisadoras canadenses Kaitlyn Watson e

Sandra Jeppesen, traz à tona o paradoxo da pesquisa de povos autóctones conduzida pelo colonizador. No contexto de colonização do seu país, as duas pesquisadoras ponderam sobre o lugar do pesquisador colonizador, do qual elas também fazem parte. O artigo levanta reflexões pertinentes inclusive para o contexto brasileiro, como: qual seria o limite entre a contribuição do pesquisador colonizador para a equidade entre povos indígenas e o homem branco e a apropriação cultural desses povos? Este costuma ser o primeiro desafio dos pesquisadores: como entender profundamente a cultura e o saber indígena sem se apropriar deles? O que nos levaria a outro paradoxo: o desejo do pesquisador de estudar descolonização não seria uma forma de manter o colono, o branco, no centro da situação?

A partir de experiências pessoais conectadas a teorias, o texto traz essas e outras reflexões muito relevantes para o cenário atual, no qual o capitalismo selvagem devora os biomas brasileiros e pretende colonizar outro planeta, enquanto não sabemos ao menos como tratar nossa morada. Nesse sentido, compreende-se que ser um pesquisador de autoctonia responsável exige cuidadosa consideração no momento da pesquisa. É necessário inspirar confiança sem retirar a responsabilidade.

Não há revista mais apropriada do que esta para a publicação de “Settler Fragility”, pois, como as autoras escreveram: “Autoethnographic narratives are inherently dialogical, interpellating the audience into constructing realities”. Uma honra receber esse artigo. Muito obrigado, Kaitlyn e Sandra!

Por fim, queremos fazer um agradecimento especial a Pedro Henrique Alves Patreniere, nosso artista gráfico, autor das belas capas da RCD até aqui, que está se formando e vai nos deixar como bolsista. Nosso muito obrigado a você, Pedro!

Bom proveito, leitores da RCD! E sigamos firmes na luta contra os vírus que nos assolam! Como disse Conceição Evaristo: “Eles combinaram de nos matar. E nós combinamos de não morrer”.